

Reflexões sobre o Sujeito Rural e a Ruralidade: o Pensamento Urbano da “Pós-modernidade” e a trajetória da Produção Musical de Expressão Rural

Alonso Bezerra de Carvalho¹
Tânia Marques Cardoso²

Resumo

O objetivo desse texto é de problematizar o papel das pesquisas teóricas sobre a realidade humana do Sujeito Rural, em especial na Psicologia, com a finalidade de afirmar sua existência singular no mundo urbanizado de hoje e nas ciências humanas, que supervalorizam a cidade e o sujeito urbano em detrimento do sujeito rural/caipira. Como ferramenta de estudo histórico foi utilizada a Música de temática rural como forma de explicitar a trajetória desses sujeitos, pela ampla acessibilidade que independe de camadas sociais, mas especialmente por seu modo peculiar de operar, de atingir a subjetividade, de expressar sensações e modos de vida.

Palavras-chave: Sujeito Rural, Urbano, Psicologia, Ciências humanas, Música.

Abstract

The objective is to problematize the role of theoretical research on the human reality of the Subject “Country”, particularly in Psychology, in order to assert their peculiar existence in an urbanizing world today and in the Humanities, which estimate the city and urban subject more than subject of rural/country. As a tool for historical study has used music as a rural theme to explain the trajectory of these subjects, the wide accessibility that is independent of social groups, but especially for its peculiar mode of operation, to achieve

¹ Alonso Bezerra de Carvalho é Doutor em Filosofia da Educação (USP) e atualmente é professor do Departamento de Educação da Unesp/Assis e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unesp/Marília. alonsobc@assis.unesp.br.

² Tânia Marques Cardoso é bacharel e licenciada em Psicologia pela Unesp de Assis. É discente do curso de formação de Psicólogos pela mesma universidade e aluna bolsista da FAPESP. tanyamarx@hotmail.com.

subjectivity, to express feelings and ways of life.

Keywords: Subject “Country”, Urban, Psychology, Humanities, Music.

Bauman em seu célebre livro “Vidas desperdiçadas” (2005), muito esclarecedor no que condiz com o pensamento da pós-modernidade e o modo como as pessoas sobrevivem neste tempo, inicia seu texto fazendo uma comparação entre o livro “A Cidade Invisível” (citado por Bauman, 2005, p.10), de Ítalo Calvino, e a modernidade. Na cidade de Leônia, o interesse se voltava para as coisas mais novas e diferentes, e na mesma proporção com que adquiriam lançamentos, tinham igual satisfação em se livrar dos objetos “velhos”, obsoletos, ultrapassados do dia anterior, por isso lixeiros e varredores eram recebidos mui respeitosamente. Mas as “coisas são descartadas por sua feiúra, ou são feias por terem sido destinadas ao lixo?” (BAUMAN, 2005, p.10). Lixo, como se pode observar comumente, é jogado em locais afastados da cidade para não ser visto, para não cheirar mal, para ser esquecido. Se observar mais de perto, as partes periféricas das cidades obedecem à mesma lógica do lixo, e podemos inferir que acontece o mesmo com a zona rural na atualidade. A modernidade, ainda não ultrapassada pela pós-modernidade e sim exacerbada por esta, pode ser explicada pela metáfora do lixo, que se divide em: norma: o que obedece a regras; ordem: busca pelo

organizado, limpo e claro e progresso: calçado na valorização do novo em detrimento do antigo – em que está a produção de lixo.

Portanto, coisas velhas remetem a um espírito de coisas mortas, mal presságio, de que não se está progredindo. Elas devem ficar afastadas das pessoas que moram nas cidades, e mesmo assim, há os locais adequados dentro das cidades que representam os santuários da modernidade, e para as pessoas que não podem habitar esses locais, existem as periferias e os locais “suburbanos”, e acrescentamos, lugares fora do limite da cidade – os sítios, fazendas, chácaras, assentamentos, estâncias – a zona rural. Na atualidade verifica-se um fenômeno em que algumas pessoas embora morem em localidades rurais, não dependem em nada desse modo de vida, pois ainda possuem carreira e relações sociais localizadas na cidade. Entretanto, as categorias rural e urbana de uma unidade geográfica são, no Brasil, definidas por leis municipais, sendo um conceito relativo, e seus critérios de classificação são variáveis. Na perspectiva de Abramovay (2000), “Ruralidade é um conceito de natureza territorial e não setorial. Em muitos países — entre eles o Brasil —, o rural é definido de tal forma que o associa imediatamente a precariedade e carência” (ABRAMOVAY, 2000).

É de conhecimento nosso que desde o início da segunda metade do século passado houve uma crescente migração populacional

do campo para a cidade. Isso ocorreu por motivos diversos – na cidade se concentra o que a “modernidade” proporcionaria com maior comodidade – os meios de comunicação, transporte, escolarização, cuidados médicos e sanitários, maior controle de doenças, mais facilidade em consumir. As cidades foram se desenvolvendo em termos industriais, sócio-econômicos e especialmente demográficos, não coincidentemente nessa época, já no século XX. Isso ocorreu de forma rápida devido à intensa migração interna e externa para o Brasil, entre os estados, entre os países e da zona rural para a urbana. “O rápido crescimento urbano é visto desde 1920, quando a taxa de urbanização era de 16%. Em 1940 a taxa de urbanização atingiu 31%, em 1960 subiu para 45% e em 2005 já atingia 85%, mostrando claramente a superpopulação dos territórios” (CABRAL, 2009). Todavia, o rápido crescimento populacional urbano não foi proporcional ao crescimento industrial, o que gerou o desemprego e criou o subemprego. A tecnologia que foi importada contribuiu para a mecanização e maquinização, a favor da aceleração do processo produtivo, porém eliminou cargos e conseqüentemente, trabalhos e empregos. Os que perderam seu trabalho acabaram por conseguir ocupações no espaço da informalidade, que constituem a camada marginal desse sistema econômico (id.).

A modernidade não privilegiou os modos de vida no campo. A questão do

trabalho rural teve ampla desvalorização social e econômica, a figura do homem rural adquiriu um significado pejorativo com a expressão “caipira”, “da roça” como atestado de incapacidade de compreender os avanços tecnológicos, de ser carente de cultura, de atraso em relação à rapidez do desenvolvimento urbano e, em especial, da cultura urbana que seria doravante o padrão a ser adotado para ser considerado “moderno”. O perfil do homem do campo, ridicularizado por Jeca Tatu de Monteiro Lobato na literatura, tornado concreto por Mazzaropi no cinema e nos quadrinhos do Chico Bento de Maurício de Souza (CARVALHO, 2007, p.07), por mais que sejam obras inspiradas e bem intencionadas, não deixam de sustentar uma figura que não serve de modelo de inteligência, beleza e sofisticação. Vejamos como isso aparece na canção de Juraildes da Cruz³, “Nóis é jeca mais é jóia”, vencedora do prêmio Sharp de 1998 na categoria “Música Regional”: “Se farinha fosse americana/mandioca importada/banquete de bacana/era farinhada/*Andam falando qui nóis é caipira*(...) qui a nossa calça é amarrada com imbira/qui a nossa valsa é briga de galo (...) qui o nosso roque é dançar catira (...) *Andam falando que nóis é caipora/qui nóis tem qui aprender inglês/qui nóis tem qui fazê xuxéxu fora/deixe*

³ Cantor e compositor tocantinense. A música referida dá nome a seu álbum lançado em 2004 pela Kuarup CD. As informações a respeito dos compositores e canções explicitadas ao longo do texto, foram obtidas em: http://www.boamusicaricardinho.com/index_pri_1.html, acessado em julho de 2009.

de bestáge/nóis nem sabe o português/nóis como é caipira pop/nóis entra na chuva e nem móia/meu ailóviú/nóis é jéca mais é jóia/*Tiro bicho de pé com canivete/mais já tô na internet* (...)”.

Estigmatizado, o “caipira” percebe seu sertão como espaço da incultura, do vazio de significado, do rústico e grosseiro, portanto, com pouco valor social diante do olhar das elites urbanas. Entretanto, na década de 1920, ainda com ressonâncias da Semana de Arte Moderna, começaram a surgir estudos sobre a cultura “popular” sertaneja. Nesse momento, as primeiras canções caipiras são gravadas em disco, como “Tristeza do Jeca”, composta por Angelino de Oliveira em 1918 e gravada em 1923. Com o conjunto “Cornélio Pires e sua turma”, esse gênero musical entra na indústria cultural, chegando ao público das cidades e aos programas de rádio, gênero esse que influenciou compositores “urbanos” como Noel Rosa que compôs “Mardade cabocla” e “Minha viola” e Ary Barroso com “Rancho Fundo” (CHAVES, 2007). É preciso colocar que o sujeito e/ou a sociedade rural é entendido neste trabalho como morador ou que vive num coletivo/grupo rural, que podem morar ou apenas deslocar-se até lá para o trabalho e que atuam na agricultura ou outras atividades (ALBUQUERQUE, 2002, p.38), o que é usual atualmente.

No período de êxodo rural, o comum era a busca de emprego na cidade como expectativa de melhora das condições de vida

e de trabalho. O emprego como solução dos problemas e de construção de uma identidade social e pessoal, era central para a sociedade, era o destino a ser conquistado. Nessa geração de nossos pais e avós, os meios eram limitados, porém os objetivos e a trajetória eram possíveis de serem traçados e de se estar seguro em relação a eles, de lutar por eles, utilizando o máximo de habilidade para obter o melhor efeito (BAUMAN, 2005). Ainda assim, somente a geração seguinte, com a educação pública tornando-se cada vez mais acessível, pode usufruir um pouco mais do que a vida urbana tinha a oferecer. Numa sociedade que já valorizava a formação escolar, os que vinham “da roça” eram destinados a trabalhos ligados à força física, pois se era pressuposto de que não possuíam educação formal, ou seja, deixavam o peso da enxada pelo dos sacos de cimento, integravam os segmentos da classe operária e queixavam-se de saudades da vida do campo, como relata a música “Saudades da minha terra”, composta por Goiás e Belmonte⁴: *“De que me adianta viver na cidade/Se a felicidade não me acompanhar (...) Lá pro meu sertão eu quero voltar (...) Por Nossa Senhora, meu sertão querido/Vivo arrependido por ter te deixado/ Essa nova vida aqui na cidade/De tanta saudade eu tenho chorado (...) Tô aqui cantando, de longe escutando/Alguém está*

⁴ Goiás e Belmonte compuseram a música, mas foi Belmonte e Amarai que lançaram a faixa/título do LP em 1966, que obteve grande sucesso na época e imortalizou a dupla.

chorando com o rádio ligado/Que saudade imensa do campo e do mato (...) Eu vivo hoje em dia sem ter alegria/O mundo judia mas também me ensina (...) Eu preciso ir pra ver tudo ali/Foi lá que eu nasci, lá quero morrer”.

A pesquisa mais recente do IBGE que conta com dados de 2007, mostra que dos 55,5 milhões de domicílios brasileiros pesquisados, o número de domicílios situados na zona rural eram em média, 8,5 milhões, o que representa aproximadamente 15,3% da população. Já na zona urbana, os habitantes da cidade somavam o número aproximado de 47,8 milhões de pessoas, ou seja, a maioria absoluta da população brasileira (IBGE, 2009). Esses dados estatísticos demonstram que continua sendo uma “preferência nacional”, embora seja apenas em termos de números, a habitação na cidade ou centros urbanizados. Contudo, além da estatística populacional, que outras variáveis foram estudadas e disponibilizadas para que se compreenda que outros fatores que também influenciam nessa escolha, mudança e/ou permanência dos sujeitos nas cidades? Ao pesquisarmos rápida e superficialmente pela rede mundial de computadores (Internet), é perceptível que os dados populacionais relativos à zona rural estão particularmente voltados para estudos escolares, que são sítios virtuais de escolas que escrevem a seus alunos a título de conhecimento sobre geografia humana do Brasil. Se procurarmos estudos especificamente acadêmicos, encontraremos

textos voltados para a saúde e cuidado do homem rural, como acidentes de trabalho, a mulher rural no trabalho, diagnósticos sócio-ambientais, índices de escolarização, avaliações epidemiológicas comparadas, controle do número de nascimentos, a velhice, ocorrências de dermatofitoses, deficiência de vitaminas, cáries, doenças de Chagas e toxoplasmoses, condições de vida e saúde mental, poluição industrial, crédito rural dentre outras. O que se pode notar é que a maioria preocupa-se com questões, no geral, urbanas aplicadas à zona rural – promoção de saúde e controle de doenças, saneamento básico, escolarização, interesses financeiros – não desconsiderando a importância de cuidados e direitos humanos básicos que necessita qualquer pessoa para viver independente do local onde residam, entretanto, há relativamente poucas pesquisas que se ocupam do homem rural em sua singularidade, em suas demandas próprias.

Segundo uma pesquisa feita por Albuquerque (2002, p.37), os anais de últimos congressos de Psicologia mostra que praticamos uma psicologia aplicada à realidade brasileira, mais maciçamente, uma psicologia urbana. Se pensarmos em termos proporcionais, em 2000,

dos 5507 municípios brasileiros, 4089 possuem menos de 20 000 habitantes, ou seja, 74,2% ou 3/4 do total dos municípios brasileiros podem ser considerados como de características rurais abrangendo

uma população de 31 845 211 (trinta e milhões e oitocentos e quarenta e cinco mil e duzentos onze) habitantes, correspondendo a 18,77 % da população total. (IBGE citado por ALBUQUERQUE, 2002, p.37).

Por que não estudamos a população rural? Albuquerque levanta algumas hipóteses:

1. Estudamos problemas próximos de nós. A psicologia como fruto do desenvolvimento a partir da migração do campo para a cidade faz ressaltar o problema dos que estão povoando a cidade e não os que ficaram na zona rural, como a organização fundiária e as políticas públicas para o meio rural. A cidade, como concentradora de populações em crescimento, tem dificuldades com a explosão demográfica e os problemas que surgem a partir disso, como a marginalização, a pobreza, dentre outros, o que exige uma intervenção psicológica imediata. A psicologia social em particular é baseada e pensada para a população urbana, variável desconsiderada quando se generaliza resultados. “As características próprias do ambiente rural, provavelmente requerem uma maneira, uma metodologia mais adequada a ela a partir da avaliação das teorias que foram desenvolvidas para ambiente urbano” (ALBUQUERQUE, 2002, p.38).

2. Deixamos de ser um país agrário para ser de produção industrial e de serviços o que reduziu significativamente a contribuição do ambiente rural ao PIB (Produto Interno

Bruto). A agricultura de larga escala obtém grande incentivo, comparada a agricultura familiar, por isso, os pequenos produtores rurais procuraram novas formas de renda além da produção agrária. O agrário predominava sobre o rural, pois representava fonte de riqueza econômica e poder político; as políticas públicas deveriam então planejar-se de acordo com as atividades exercidas pelos sujeitos rurais, com procedimentos que vão além do agrário, já que é freqüente aparecer esse reducionismo (id.).

No Brasil, a produção agrária já faz menção praticamente direta a sua possibilidade de reforma, exigida com vigor pelo Movimento Nacional dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Assim como outros grupos que reivindicam por direitos que não os excluam da maioria padrão, como minorias étnicas, sexuais dentre outras; os “Sem Terra” lutam na mesma direção, mas com diferentes objetivos. Embora seja este movimento uma expressão do homem e do trabalho rural, é estudado na maioria das vezes por sua condição de minoria, por sua situação política e social e não por seu aspecto de trabalhador e morador, de sujeito rural. Dados do INCRA (Instituto Brasileiro de Colonização e Reforma Agrária) presumem que no território nacional cerca de 2500 assentamentos foram criados, para atender a 550.000 famílias, num total de dois milhões de pessoas. Entretanto muito pouco foi estudado sobre por parte dos psicólogos, embora ofertas de trabalho como

avaliação de políticas públicas, cooperativas e associações, uso de tecnologias, problematizações acerca da saúde mental e outras não faltam para a área (ALBUQUERQUE, 2002, p.39).

Quanto à música de expressão rural, qual relação se pode estabelecer com os elementos expostos? Diante de uma obra de arte, Gadamer afirma que se experimenta uma *verdade* que seria inacessível de outra maneira, e este é o “significado filosófico da arte”. Ainda para este autor, a experiência da filosofia igualmente a arte, “incita a consciência científica a reconhecer seus limites” (apud. DALGALARRONDO, 2000, p.23). Se entende, portanto, que a arte é capaz de produzir saber da mesma forma que a filosofia, contudo, seu modo de expressar vai além da linguagem empirista e positivista das ciências, e assim, não depende do conhecimento conceitual científico, mas da abertura para a passagem de afetos pela contemplação *estética*. Portanto, da arte se pode extrair saber, e considerando que a música é uma forma de arte de ampla acessibilidade e comunicação, esta foi escolhida para o presente trabalho como instrumento de investigação da evolução histórica do sujeito rural e sua relação com a urbanização.

Para Martins (MARTINS apud. FURTADO, 2001, p. 85), enquanto a música na cultura caipira expressa a sociabilidade no campo, isso por volta de 1930, a música sertaneja expressa uma relação de mercado,

uma dependência da relação comercial estabelecida pela venda de discos. Uma vez que a cultura caipira está apoiada no compadrio, resultantes da organização econômica baseada no excedente (ao que Martins chama de *exclusão integrativa*), a música sertaneja representa a desagregação deste contingente e sua ida para a cidade (êxodo rural), em que o caipira fará parte da camada do excluído, do marginalizado, da repressão de classes, embora antes, representasse com a música caipira formas de sociabilidade muito coletivizadas. Posteriormente, aparece a música sertaneja, como representante da desagregação deste contingente e sua ida para a cidade (êxodo rural), em que o caipira fará parte da camada do excluído, do marginalizado, da repressão de classes, embora antes, representasse com a música caipira formas de sociabilidade muito coletivizadas. A música perde seu valor cultural de uso da expressão estilística da vida do caipira e se torna objeto de consumo. Antônio Cândido (2001) fala do caipira como desbravador de territórios, que não cria raízes, pois quando se muda para a cidade fica nos locais periféricos produzindo e consumindo músicas folclóricas e de massa. Inicialmente, a música sertaneja vai falar do caipira e seu sentimento de inadequação no ambiente urbano e o saudosismo em relação ao campo, uma vez que na cidade, outras formas de sociabilidade são privilegiadas, como a força de trabalho de forma individualizada, a música

como componente dos momentos de descanso do trabalhador, limitada na maioria das vezes ao núcleo familiar (id., p. 86).

Podemos notar na música “Mágoa de Boiadeiro”, composição de Índio Vago e Nonô Basílio⁵, como essa insatisfação é colocada: “Antigamente *nem em sonho existia/tantas pontes sobre os rios nem asfalto nas estradas/* A gente usava quatro ou cinco sinueiros/prá trazer o pantaneiro no rodeio da boiada/Mas hoje em dia tudo é muito diferente/com progresso nossa gente nem sequer faz uma idéia/Que entre outros *fui peão de boiadeiro/por esse chão brasileiro os heróis da epopéia/(...)Por tudo isso eu lamento e confesso que a marcha do progresso é a minha grande dor/Cada jamanta que eu vejo carregada/transportando uma boiada me aperta o coração/E quando eu vejo minha tralha pendurada de tristeza/dou risada prá não chorar de paixão(...)* Ainda resta a *guaiarica sem dinheiro/deste pobre boiadeiro que perdeu a profissão/Não sou poeta, sou apenas um caipira/e* o tema que me inspira é a fibra de peão (...) Saudade louca de ouvir um som manhoso/de um berrante preguiçoso nos confins do meu sertão”.

O termo música sertaneja é designativo de um gênero surgido da moda de viola “raiz” na década de 1920, que até hoje conserva a tradição do canto em duas vozes, sendo a

⁵ Elias Costa, o Índio Vago, compôs “Mágoa de Boiadeiro” e registrou junto com Alcides Felisbini Basílio, o Nonô Basílio, por volta da década de 1950. Essa música foi interpretada por “Ouro e Pinguinho” numa gravação em vinil que não se encontra catalogada.-

segunda uma terça acima da principal ou primeira. De acordo com Romildo Sant'Anna: "a moda caipira de raízes e sua qualidade estável são o sorriso primordial da região centro-sul e sudeste do país" (SANT'ANNA apud CARVALHO, 2007, p.02). Alvarenga e Ranchinho, Jararaca e Ratinho, Tonico e Tinoco foram alguns dos grandes expoentes fundantes do gênero. Cascatinha e Inhana, com "Índia" em 1952, alcançam sucesso para a conquista do rádio e cinema, e posteriormente, a televisão, sendo Inezita Barroso e Sérgio Reis os que, com carreira solo, fixaram-se na TV. Entretanto, as características da música foram se perdendo de acordo com a demanda mercadológica principalmente. A música caipira, cujos estilos mais conhecidos eram as "modas de viola", que já fazia misturas entre os ritmos brasileiros e ritmos estrangeiros (contribuição dos imigrantes portugueses, italianos e outros que povoaram o campo) falavam das histórias referentes à vida no campo e relações sociais, familiares e outras. O lundu, cateretê, pagode de viola caipira, toadas, emboladas são referências da música caipira, com uso de acordeons, harpas, geralmente instrumentos tocados por autodidatas, mas que ganharam influência de outros ritmos no contato "urbano". Esse gênero musical inclui também o baião, o xote, o xaxado "e outras músicas produzidas nas regiões norte e nordeste do Brasil, onde efetivamente há sertão, e que têm em comum

a característica de não serem cultura das cidades grandes" (CARVALHO, 2007, p.02).

As influências estrangeiras dos Estados Unidos também foram fortes, como a música country, tanto em características musicais, como uso de guitarras, como nos costumes e estilos, que deram a música sertaneja um caráter "moderno", sendo chamada inclusive de música sertaneja urbana ou pop, o que nos anos 70 e 80 se consolidou com duplas como Leo Canhoto e Robertinho, Chitãozinho e Xororó, de Camargo e Luciano, Leandro e Leonardo, e vozes individuais como Roberta Miranda. No século XX, a música sertaneja teve vários desdobramentos: música urbana com sotaque do interior, sambas e valsas sertanejas, transformações fabricadas na cidade que dizem respeito a temáticas de relacionamentos amorosos, adultérios por exemplo, e vai perdendo vínculos com os temas caipiras (id.). Se observarmos as letras das músicas sertanejas compostas hoje em seus vários estilos, desde o que se considera "brega" – pelas roupas, letras e vozes esganiçadas – até o mais recente e difundido estilo de sertanejo, o universitário, teremos a impressão de que não possui melodia, harmonia, ritmo e letras que em algum momento mencionem relações com a realidade rural, descendência com a música caipira/rural/sertanejo raiz ou que torne possível identificá-la como de tema e estilo distantes e incomparáveis ao urbano.

Considerações finais

Uma discussão teórica acerca do sujeito rural em relação às produções científicas nas ciências humanas e na música rural, a partir de uma breve investigação de estudos da área, se faz relevante, para levantar os temas que trabalham o sujeito e população rural em estudos científicos, em especial, da área de Psicologia, pois esta se mostra relativamente carente de pesquisas na área, além de valorizar uma importante parcela da população que é de certo modo esquecida. Estão colocados elementos para se pensar em por que os sujeitos rurais se tornaram indiferenciados do homem urbano e não são estudados em suas singularidades. Não se trata de fazer apenas a defesa dos moradores da zona rural como uma minoria que requer respeito, valor social, econômico e político e direitos específicos, mas de colocar em questão a falta de estudos aplicados a realidade rural dentro das ciências humanas, particularmente, na psicologia, que pode representar um tipo de distanciamento em relação a população em discussão, haja vista que somente a preocupação de se estudar o tema já demonstraria uma certa valorização do público alvo da pesquisa, no caso referido, sem reducionismos e pré-concepções errôneas.

Como elementos de contextualização, a história da música caipira/sertaneja/rural e alguns exemplos nos serviram para falar diretamente da realidade do campo, por ser parte da cultura local e pelo fato da música,

como arte, ser produtora de saber por meio dos afeto. Em relação às músicas sertanejas da contemporaneidade, tornaram-se indiferenciadas, descaracterizadas em aspectos caipiras/de raiz/do campo, porém, vendem também de forma indistinta e intensa, para urbanos e rurais, tem espaço em rádios, televisão, cinema, shows de rodeio, embora esse fato seja verificável em toda a música massiva produzida em nosso país e que possui amplo consumo, que no geral perdeu elementos importantes de seus instrumentos principais, de seus estilos composicionais, de sua essência artística e estética brasileira. A promessa e previsão do “rei do pagode”, Tião Carreiro, em parceria com Lourival dos Santos na composição e Pardinho na execução de “Viola divina”, nos convida a reflexão sobre os caminhos da música: “Viola minha viola, cavalete do pau preto/Morro com você nos braços, de joelho lhe prometo (...) Minha viola divina, eu ganho a vida com ela (...) Com esta viola divina, um pedido vou fazer/Para Deus matar a morte, pro cantador não morrer/*Enquanto existir viola, cantador tem que viver/Até no ano dois mil se uma viola só existir/Garanto vai ser a minha que não paro de tinir/O cantador sem viola, na carreira nada tem (...)*”, e ainda outra, mesmos autores, “Chora Viola”, em que se diz “(...) *Quem não gosta de viola, brasileiro bom não é/Chora Viola*”.

Assim como as considerações de Abramovay (2000), nos dá um parecer sobre a

“ruralidade” no Brasil, que justifica a noção de desenvolvimento rural pelo que este tem a oferecer para a sociedade, e não apenas pela dificuldade das metrópoles em integrar e criar oportunidades de trabalho com a norma da migração, é necessário não normatizar a noção de desenvolvimento rural e valorizar o seu potencial. É preciso “desurbanizar” a ideia de que “a emancipação das populações rurais passa pela intensificação dos processos migratórios” (ABROMAVAY, 2000, p.26 e 27), deixar de associar o rural com as áreas de esvaziamento populacional e sócio-cultural e de subestimar o valor da ruralidade em si para as ciências humanas e de forma geral, para o pensamento da (“pós”)modernidade.

Referências Bibliográficas

ABRAMOVAY, R. Funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo. Revista *Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada*. Rio de Janeiro, jan. 2000. Disponível em:

http://www.econ.fea.usp.br/abramovay/artigos_cientificos/2000/Funcoes_e_medidas.pdf, acesso em jun 2009.

ALBUQUERQUE, F.J.B. Psicologia social e formas de vida rural no Brasil. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, v. 18, n. 1, abr. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v18n1/a05v18n1.pdf> - acesso em jun 2009.

BAUMAN, Z. *Vidas Desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CABRAL, G. *Urbanização no Brasil*. s/l. Disponível em <http://www.brasilecola.com/brasil/urbanizacao-no-brasil.htm>, acesso em jun 2009.

CANDIDO, A. *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: ed. 34, 2001.

CARVALHO, M. *Coisas da roça: a música sertaneja no cinema*. In: XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM) – Comunicação. Santos, 2007. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/carvalho-marcia-coisas-da-roca.pdf>, acesso em jun 2009.

CHAVES, E.A. *Lições do caipira*. S/l. Disponível em <http://www.revistadehistoria.com.br/v2/home/?go=detalhe&id=630&pagina=2>, acesso em jun 2009.

DALGALARRONDO, P. *Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

FURTADO, O. *O psiquismo e a subjetividade social*. In: BOCK, A.M.B.; GONÇALVES, M.G.M; FURTADO, O. *Psicologia Sócio-Histórica*. São Paulo: Cortez, 2001, pp. 75 – 930.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Características gerais dos domicílios*. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em http://www.ibge.gov.br/series_estatisticas/tema.php?idtema=6, acesso em jul 2009.

JURAILDES da Cruz, Goiá e Belmonte, Índio Vago e Nonô Basílio, Tião Carreiro e Pardinho e Lourival dos Santos. S/l. Disponível em http://www.boamusicaricardinho.com/index_pri_1.html, acesso em jul. 2009.